

1

Corpo, Eu e Narcisismo

1.1

O Lugar do Corpo e a Gênese do Eu na Teoria Freudiana

É uma suposição necessária a de que uma unidade comparável ao Eu¹ não esteja presente no indivíduo desde o início; o Eu precisa antes ser desenvolvido.

(FREUD, 1986/1914, p.99).

Na medida em que a clínica com amputados nos evidencia a questão do corpo e as diferentes formas como este se apresenta como expressão da subjetividade, decidimos iniciar nosso trabalho pela tentativa de circunscrever o lugar do corpo na teoria psicanalítica a partir da construção do Eu. Tomamos como referência a própria indicação freudiana de que a organização do que se denomina Eu não está presente desde a origem e precisa ser desenvolvida. Apostamos que ao trilharmos este percurso genético do Eu teremos subsídios para enfatizarmos toda problemática do corpo à luz dos referenciais psicanalíticos.

Para isto, é necessário um percurso pelos modelos de aparelho psíquico forjados por Freud, para destacar daí os aspectos que nos interessam quanto à formação do Eu, à assunção da realidade e todas as questões que derivam destes temas. Inclui-se aí a alucinação primária e a aproximação deste fenômeno com o modo afirmativo do funcionamento pulsional. Iniciamos esta pesquisa com um pequeno contorno a respeito do modelo psíquico desenhado no texto de 1895. Este servirá de base para todas as outras apresentações freudianas e poderá ser reconhecido como pano de fundo em diversos outros textos do autor, ainda que, a nomenclatura utilizada tenha sido omitida ou reformulada. Vejamos qual é a construção básica do aparelho psíquico no texto “Projeto para uma Psicologia Científica”.

¹Em função de toda discussão a respeito da tradução de termos fundamentais da obra freudiana, adotaremos a que melhor nos convém, de maneira que diante de toda incidência no texto faremos as seguintes substituições: Ego por Eu, Superego por Supereu e Id por Isso.

1.1.1

A Teoria do Aparelho Psíquico de 1895

O primeiro modelo de aparelho psíquico formulado por Freud pode ser referido ao “Projeto para uma Psicologia Científica” de 1895. Tal modelo concebe um pólo receptor de estímulos, uma direção de condução destes e um pólo emissor/motor. O autor postulou o aparelho psíquico tomando como modelo o arco reflexo. Como o aparelho é concebido evolucionariamente, seu princípio de funcionamento inicial, pré-psíquico, é o de Inércia, que tenta manter o nível de energia do aparelho psíquico igual a zero. Neste modelo são distinguidos três níveis de sistema que vão se desenvolvendo até a formação do Eu. São eles: Sistema Phi, Sistema Psi-Nuclear e o Sistema Psi-Pallium.

O Sistema Phi, regulado pelo Princípio de Inércia, tem como forma de funcionamento a tendência à descarga total, e entre as formas da descarga, elege a Fuga Reflexa, porque não só funciona como descarga, mas ainda afasta da estimulação externa. Assim sendo, este sistema não tem barreiras contra a passagem de energia, que vai de uma extremidade receptora dos estímulos exógenos a outra, o pólo motor. Será necessário, a partir do desenvolvimento do Sistema Psi-Nuclear, o desenvolvimento destas barreiras, ou de neurônios capazes de armazenar energia, para que outro princípio de funcionamento, o Princípio de Constância, seja estabelecido.

O Sistema Psi-Nuclear, através das barreiras de contato, impõe restrições ao escoamento direto de energia pelo pólo motor, na medida em que o Princípio de Constância preserva a constância do nível de tensão no aparelho. Aqui, o impulso reflexo funciona a fim de manter algo como uma homeostase. Ou seja, o impulso para o reflexo está diretamente ligado ao aumento do nível de constância. Neste momento, Freud faz coincidir o Princípio de Constância com o Princípio do Prazer/Desprazer, uma vez que relaciona o aumento de tensão ao desprazer e à diminuição da tensão ao prazer.

Contudo, para que a resposta adequada à manutenção do organismo possa ser dada com maior precisão, diferencia-se do Sistema Psi-Nuclear um outro sistema capaz de aprendizagem e, portanto, de memória: o Sistema Psi-Pallium, dotado da capacidade de armazenamento de imagens e de associações entre os

objetos externos e os acontecimentos internos. Este sistema e suas diferenciações é que constituem propriamente o aparelho psíquico.

A questão principal a ser destacada a partir da formação deste sistema é a capacidade de reativar a memória do objeto de satisfação. Ao aumento do nível de tensão no Sistema Psi-Nuclear há o investimento na imagem mnêmica que é reativada até que haja a percepção alucinatória ou real. Reinvestir os caminhos mnêmicos da experiência de satisfação consiste no protótipo do desejo.

De maneira simétrica e oposta, diante de um objeto evocado que provoque dor, uma força chamada de repulsa ou defesa primária é acionada, na tentativa de desinvestir esta imagem mnêmica.

Contudo, para que o aparelho não sucumba ao extirpar da cadeia associativa os grupos mnêmicos que se relacionem à dor ou ao dispensar o encontro com o objeto, mantendo-se refém da experiência de alucinação do objeto de satisfação, faz-se necessária uma “nova ação psíquica”: a formação do Eu, responsável pela inibição do Sistema Psi-Pallium. O Eu se torna apto a inibir tanto o processo alucinatório de satisfação do desejo, quanto o desinvestimento da memória do objeto produtor de dor. Esta inibição, tal como mais tarde o *teste de realidade*, permite ao sistema o uso dos sinais de realidade a fim de que seja possível a diferenciação entre memória e percepção. Insistiremos nesta temática da distinção entre memória e percepção, na medida em que a ocorrência da alucinação mistura as delimitações desta diferenciação.

Além disso, já fica indicada aqui a função primordial do Eu – tema a que Freud dará maior ênfase da elaboração da segunda tópica até o final de sua obra – que se responsabiliza tanto por diferenciar realidade da memória, quanto por mediar o mundo externo e o interno. Seguiremos nesta pista, por acreditarmos que a formação do Eu tem como evento concomitante o reconhecimento da realidade.

1.1.2

O Eu e a Realidade

Nosso ponto de partida para discutirmos mais detalhadamente a formação do Eu são as estreitas ligações que ele mantém com o corpo e portanto com nossa questão sobre a amputação e a prótese.

No texto de 1923, “O Eu e o Isso”, Freud, mapeando os aspectos da primeira tópica, indica que o Eu é uma “organização coerente de processos mentais” e controlador da motilidade (FREUD, 1986/1923, p.28). Contudo, tal como havia anunciado em 1914, o Eu precisa ser desenvolvido. Desta forma, o autor apresenta em sua nova formulação o Isso, como uma instância que se comporta como se fosse *inconsciente*, da qual irá se diferenciar o Eu, desenvolvido e modificado a partir do sistema perceptivo (*Pcpt*)², pela influência direta do mundo externo.

Do mundo da percepção, Freud dá relevo à superfície do corpo como um lugar de onde se originam sensações externas e internas. Desta constatação advém uma outra, enfática: a de que “o Eu é, primeiro e acima de tudo, um Eu corporal”. Deriva das sensações corporais, e pode ser entendido como “uma projeção mental da superfície do corpo” (FREUD, 1986/1923, p. 40).

Se o Eu se desenvolve a partir do sistema perceptivo, podemos supor que não é possível concebermos a gênese do Eu sem compreendermos este evento por relação concomitante ao confronto com a realidade, ou melhor, com o reconhecimento do mundo externo. Dito de outra forma, o Eu só pode ser mapeado e delimitado na mesma medida em que o não-Eu é reconhecido. Segue-se, então, ao longo do texto freudiano a discussão sobre a formação do Eu em confronto com a realidade, de maneira que o autor tenta estabelecer a todo tempo uma lógica para esta distinção, reconhecendo este embate contínuo de construção e reconstrução das fronteiras do próprio Eu , tal como fica evidente em suas reflexões no texto de 1930:

Há casos em que partes do próprio corpo de uma pessoa, inclusive partes de sua própria vida mental – suas percepções, pensamentos e sentimentos –, lhe parecem estranhas e como não pertencentes a seu Eu; há outros casos em que a pessoa atribui ao mundo externo coisas que claramente se originam em seu próprio Eu e que por este deveriam ser reconhecidas. Assim, até mesmo o sentimento de nosso próprio Eu está sujeito a distúrbios, e as fronteiras do Eu não são permanentes (FREUD, 1986/1930[1929], p. 84).

Sua questão principal a respeito desta temática gira em torno das condições em que o Eu consegue se “desengajar da massa geral de sensações”, e

²Freud destaca as percepções auditivas como sendo uma fonte sensória especial, cuja importância será imprimir os resíduos verbais.

seu primeiro balizamento de acordo com o Princípio do Prazer/Desprazer é dividir e reconhecer como sendo seu o que é prazeroso, e expelir deixando fora o que é desprazeroso. “Surge, então, uma tendência a isolar do Eu tudo que pode tornar-se fonte de tal desprazer, a lançá-lo para fora e a criar um puro Eu em busca de prazer, que sofre o confronto de um exterior estranho e ameaçador” (*Ibid*, p.85). Contudo, a experiência em algum momento evidencia que o que proporciona prazer advém de fora e o que causa dor tem uma origem interna. Este fato impõe que se aprenda a distinguir o que é interno do que é externo. Freud conclui que o Eu originalmente inclui tudo, para posteriormente separar de si, o mundo externo.

Esta é uma discussão que já havia sido feita num texto datado de 1911, intitulado “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental”, ao qual recorreremos agora. Neste artigo, fica patente que o entendimento freudiano a respeito do desenvolvimento do sentido de realidade está pautado na superação de uma frustração³. Freud nota que se o estado de repouso psíquico é interrompido pelas necessidades internas, a resposta inicial se dá através de uma atividade alucinatória, obedecendo ao Princípio de Prazer/Desprazer. Contudo, como a resposta alucinatória não é satisfatória para eliminar o estado de necessidade, impõe-se ao aparelho psíquico “formar uma concepção das circunstâncias reais do mundo externo e empenhar-se por efetuar nelas uma alteração real” (FREUD, 1986/1911, pp. 278-279). Este acontecimento faz com que o aparelho mental estabeleça um outro princípio de funcionamento: o Princípio de Realidade.

Em nota de rodapé deste artigo encontramos a afirmação de que o Princípio de Prazer/Desprazer como modo exclusivo de funcionamento mental é uma ficção, e a manutenção desta ficção só pode ser estendida às custas dos cuidados maternos que fazem coincidir a alucinação com a satisfação real da necessidade. Os sucessos e os fracassos na manutenção deste modo de funcionamento mental do bebê darão contorno à “significação crescente da realidade externa”, de acordo com o pensamento freudiano (*Ibid*, p. 279).

O modelo retomado aqui preserva aspectos tanto do que fora apresentado no “Projeto para uma Psicologia Científica”, quanto em “A Interpretação de Sonhos”, que consiste em a partir de um aparelho ativo, e provido de uma *atenção*

³No texto de 1914, Freud infere uma outra razão para que os limites do narcisismo sejam ultrapassados e a libido venha a se ligar aos objetos: uma quantidade excedente de libido investida no Eu.

capaz de dotar qualidade às impressões sensoriais, produzir um sistema de *notação* que vai se construindo e compondo o aparelho psíquico como um aparelho de *memória* (FREUD, 1986/1911, p. 280). Deste mecanismo deriva a construção da função de julgamento e a modificação da ação que deixa de ser mera descarga motora para alívio do excesso de estímulos e passa a ser uma ação capaz de transformar a realidade. Ou seja, o processo de pensamento se constrói e tem também como função a inibição da descarga motora, tal como já descrito a propósito da inibição do Sistema Psi-Pallium pelo Eu. Nas palavras do autor: “O pensar foi dotado de características que tornavam possível ao aparelho mental tolerar uma tensão aumentada de estímulo, enquanto o processo de descarga era adiado” (FREUD, 1986/1911, p. 281).

A problemática da capacidade do Eu de transformar a realidade possui uma outra subjacente, já citada, que concerne em saber como o psiquismo é capaz de distinguir fantasia/memória da realidade. Esta questão é desenvolvida em seu texto de 1917 [1915] intitulado “Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos”, no qual compara o processo do trabalho onírico e os estados mórbidos da confusão alucinatoria aguda e da fase alucinatoria da esquizofrenia. Tendo como mote o fato de que “a alucinação traz consigo a crença na realidade”, espera mapear a indistinção mundo externo/mundo interno (FREUD, 1986/1917[1915], p.262).

Assim, afirma que no estado de sono, há duas espécies de regressão. A regressão da libido restaurando o narcisismo primitivo, tema que desenvolveremos de forma extensa no próximo capítulo ao tratarmos dos destinos da libido no luto e na melancolia, e a regressão do desenvolvimento do Eu à etapa de satisfação alucinatoria do desejo. Por ora, vamos nos deter neste segundo tipo de regressão.

O curso de excitação que durante o estado de vigília vai, então, de uma extremidade perceptiva até a descarga na ação motora, se altera durante o sono sofrendo uma retrogressão ou regressão tópica. A motilidade fica inibida, o curso de excitação se inverte retornando a uma etapa inicial da satisfação do desejo tal como ocorre na alucinação. Os pensamentos são transformados em imagens, “as apresentações da palavra são levadas de volta às apresentações da coisa que lhes correspondem”, de modo que as palavras são cambiadas até que se encontre alguma com maior representatividade plástica (*Ibid*, p. 259). Desta forma, o

desejo onírico é alucinado trazendo para a consciência desejos ocultos e reprimidos, além de forjar a realidade de sua satisfação. Nas palavras do autor:

Uma vez que um pensamento tenha enveredado pela regressão até chegar aos traços de memória inconscientes dos objetos e daí à percepção, aceitamos essa percepção como real (*Ibid*, p. 262).

Todavia, Freud adverte de que nem toda regressão produz uma alucinação que seja tomada como percepção real e insiste em tentar estabelecer em quais circunstâncias o teste de realidade é abolido, fazendo prevalecer a modalidade de satisfação primária. Para tanto, estabelece que a alucinação é derivada de um investimento do sistema Percepção-Consciência, mas que se origina no mundo interno e não no mundo externo. Diferente da primeira aposta de que *uma idéia* é transformada em imagem, esta explicação retoma a hipótese de Breuer apresentada em “Estudos sobre a Histeria” em que “o aparelho de percepção toma por estímulo externo um estímulo que é constituído por *uma imagem mnêmica*” (MALAN, 1976, p. 14, grifo nosso). Daí o problema recair novamente na capacidade de distinção entre mundo externo e interno. Freud chega a indicar que “a percepção que desaparece por meio de uma ação é reconhecida como externa, como realidade”, ao passo que aquela sobre a qual a ação não exerce influência é uma percepção originada no mundo interno do sujeito (FREUD, 1986/1917[1915], p. 264).

Portanto, a Consciência tem estreita ligação com o sistema motor que serve como instrumento de teste para determinar se a percepção é alucinatoria ou se o objeto efetivamente está ali: o teste de realidade. Este se configura como sendo um dos principais dispositivos exercidos pelo Eu. Assim sendo, na alucinação algum acontecimento impede que o Eu faça uso de seu dispositivo de distinção entre mundo externo e interno. Freud arrisca que a alucinação pode advir de uma perda insuportável cuja tentativa de negação faz com que o Eu rompa suas relações com a realidade. Esta idéia se coaduna com a hipótese de que o sono é uma recusa voluntária de contato com o mundo externo.

Todavia, ao falar da alucinação na esquizofrenia, admite que se trata de uma tentativa de restauração dos investimentos libidinais no mundo externo e na realidade objetiva. Dito de outra maneira, se a alucinação onírica advém do

afastamento do mundo externo, a alucinação nas psicoses é considerada uma tentativa de restauração do laço com o mundo externo.

Independente do modelo freudiano de aparelho psíquico a que nos referimos, a capacidade inibidora do processo primário é uma característica do Eu, desde o Projeto, que aparece na rede explicativa de qualquer gênero de alucinação, tanto nos sonhos, quanto nos processos patológicos. Uma não inibição do Sistema Psi-Pallium libera a expressão do desejo através da alucinação. De forma análoga, este modelo também é apresentado no Capítulo VII de “A interpretação dos Sonhos” quando Freud afirma que o Sistema Pré-Consciente, liberando as inibições que incidem sobre o Sistema Inconsciente, produz um investimento alucinatório da memória do objeto de desejo.

De toda forma, a regressão à etapa de satisfação alucinatória do desejo implica que consideremos um retorno ao modo de funcionamento de acordo com o Processo Primário. Por um lado, ficam esclarecidos os impasses que Freud havia levantado quanto a uma indistinção entre mundo externo e mundo interno, na medida em que o Processo Primário, por vezes, obedece ao Princípio de Prazer. Por outro lado, devemos ressaltar que o Processo Primário traduz por excelência o modo de funcionamento pulsional, e que, portanto, tem estreita ligação com os processos criativos quando continua obedecendo ao Princípio de Realidade.

A discussão sobre a fantasia e a realidade, e sua distinção, é apresentada num trabalho de 1908[1907] intitulado “Escritores Criativos e Devaneio”, no qual Freud aborda a relação intrínseca entre o brincar infantil e a criatividade do poeta. É trazida de volta a discussão sobre a fantasia e a realidade, ao postular que tanto o brincar infantil quanto a fantasia utilizada como instrumento pelo escritor – que deriva do brincar infantil – guardam a nítida distinção entre o que produzem e o mundo real; e desta forma podem se ligar ao mundo real.

Criando uma alternativa à tese de que algo insuportável faz com que a ligação com a realidade se rompa, Freud considera que a fantasia pode representar uma outra saída, na medida em que se constitui como um desejo de reparação de uma realidade insatisfatória⁴. Assim, há o reconhecimento da realidade

⁴ Por este viés Freud atribui a importância da fantasia na elaboração dos sonhos.

insatisfatória e a produção de algum prazer a partir disto, seja pela via do humor, seja pela via da sublimação propriamente dita⁵.

Por esta razão, a fantasia se coloca a serviço do Eu heróico que se pretende invulnerável, mas que neste caso se trata de um Eu capaz de reconhecer seus fracassos sem, contudo, sucumbir a eles. Esta consideração freudiana nos dá recursos para mais tarde discutirmos os efeitos que a amputação pode trazer para vida psíquica. De que maneira as defesas são lançadas como forma de preservação narcísica: de negação da realidade ou de combustível para um viver mais criativo.

Por fim, retomando a discussão da formação do sonho, quando Freud acrescenta que não apenas uma cadeia de idéias se torna pictográfica, mas uma imagem mnêmica é evocada para a formação dos sonhos, podemos destacar o valor da construção do aparelho psíquico incluindo algo que não se reduz ao verbal, ou ainda, que se ligará ao verbal num momento posterior, mas que inclui relações entre impressões de objetos. A memória é também, portanto, não-verbal. Este aspecto parece ter muita relevância quando pudermos tratar dos fenômenos de aparição do membro fantasma, em que o não-verbal ganha vulto e se expõe visivelmente num corpo pulsional. O autor diz:

É provável que o pensar fosse originalmente inconsciente, na medida em que ultrapassava simples apresentações ideativas e era dirigido para as relações entre impressões de objetos, e que não adquiriu outras qualidades perceptíveis à consciência até haver-se ligado a resíduos verbais (FREUD, 1986/1911, p.281).

Esta ênfase na composição de um aparelho psíquico que inclui uma impressão sensível e que mais tarde pode ganhar um registro representacional, já havia sido exposta na correspondência a Fliess de 06 de dezembro de 1896, “Carta 52”. Trataremos, então, das contribuições freudianas deste texto de forma a discorrer sobre o aparelho mental apresentado ali.

⁵Daniel Kupermann apresenta uma minuciosa pesquisa sobre as relações do humor com os processos sublimatórios/criativos, e estes com a função do analista.

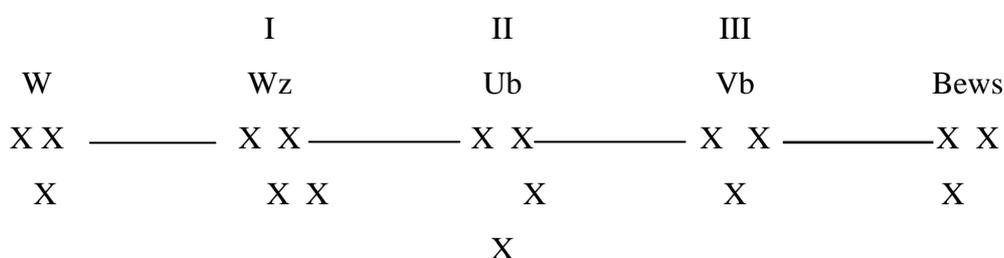
1.1.3

Um aparelho psíquico sensível

O modelo de aparelho mental descrito por Freud em diversos momentos de sua obra possui como característica principal “a capacidade receptiva ilimitada para novas percepções” e a capacidade de “registro de traços mnêmicos permanentes” (FREUD, 1986/1925[1924], p.286). É um aparelho composto por um sistema de percepção, que recebe estímulos e informações perceptivas, mas não é capaz de reter qualquer traço permanente destes, e um sistema mnêmico, este sim, dotado de capacidade de notação permanente, mas não inalterável⁶.

Desta maneira, já na correspondência a Fliess datada de 6 de dezembro de 1896, Freud apresenta um aparelho psíquico formado por estratificações derivadas de um processo de *retranscrição*. Cada registro se refere a uma realização psíquica de diferentes épocas da vida. Desta maneira, a “memória não se faz presente de uma só vez, mas se desdobra em vários tempos; que ela é registrada em diferentes espécies de indicações” (FREUD, 1986/1896, p. 324).

O modelo apresentado, de acordo com o esquema reproduzido a seguir, é composto de um sistema perceptivo (*W – Wahrnehmungen*) e de consciência (*Bews*); entre estas duas extremidades do aparelho, três níveis de registro: os signos de percepção (*Wz – Wahrnehmungszeichen*), a inconsciência (*Ub – Unbewusstsein*) e a pré-consciência (*Vb – Vorbewusstsein*). Freud ainda mantinha separadas topograficamente a percepção e a consciência, o que vai ser modificado no modelo do aparelho psíquico da segunda tópica, quando Percepção e Consciência são coadunadas num Sistema Percepção-Consciência.



⁶Tal como mantém aludindo, mais tarde, o aparelho psíquico à estrutura do Bloco Mágico.

Neste modelo de aparelho psíquico, assim como em todos os outros apresentados por Freud ao longo de sua obra, as percepções originadas em *W* não conservam nenhum traço do que aconteceu, a consciência se liga a elas uma vez que “consciência e a memória são mutuamente exclusivas”. A primeira inscrição das percepções se dá em *Wz*, associadas por simultaneidade, não são acessíveis à consciência. A segunda transcrição já obedece às relações causais de modo que os “traços *Ub* talvez correspondam a lembranças conceituais”. Já *Vb*, terceira transcrição, está ligada às representações verbais e corresponde ao nosso Eu reconhecido como tal (FREUD, 1986/1896, p.325).

Todavia, na mudança de um registro para o outro, por vezes, ocorre uma falha na tradução, ou o que poderíamos nomear como recusa a traduzir, caso esta implique na produção de desprazer. Na medida em que “cada transcrição subsequente inibe a anterior e lhe retira o processo de excitação” (*Ibid*, p. 326), deslocando-o de um sistema para o outro, a falta da transcrição faz com que a excitação permaneça regida pelas leis do sistema vigente.

O destaque para este modelo apresentado em 1896 se refere, exatamente, ao espaço destinado a uma memória não conceitual, bem como a importância de ressaltar o modo de funcionamento deste aparelho psíquico no qual existem discontinuidades e anacronismos. Freud evoca esta idéia em 1930 ao dizer que nada na vida mental perece, ao contrário, é preservado e trazido à luz em determinadas circunstâncias, como no caso da regressão. Neste artigo, a analogia usada é a do sítio arqueológico de Roma antiga, de maneira que “todos esses remanescentes da Roma antiga estão mesclados com a confusão de uma grande metrópole, que se desenvolveu muito nos últimos séculos, a partir da Renascença” (FREUD, 1986/1930[1929], p. 88).

A concepção do aparelho psíquico da Carta 52 faz com que o sintoma se construa por referência a uma falha na memória. Primeiramente, com o uso da hipnose, um evento supostamente traumático repellido da cadeia associativa poderia ser resgatado e fazer cessar o processo sintomático. Isto é evidente no exemplo da hidrofobia de Anna O. ou na gravidez do cheiro de pudim queimado de Miss Lucy R. Posteriormente, com o abandono da neurótica, os sintomas passam a ser uma expressão do desejo recalçado distorcido pela defesa, ou seja, uma formação de compromisso, e sempre relativa ao Complexo de Édipo.

Desde a teoria do afeto estrangulado e do trauma sexual como causa da neurose, Freud já havia estabelecido que a lembrança do evento é que se constitui traumática; o trauma se dá em dois tempos. Este modelo da Carta 52 apresentado aqui, contém a possibilidade de pensar numa temporalidade como não linear, mas como em rede⁷, na medida em que vários sistemas coabitam o aparelho psíquico e fazem suas aparições incessantemente de acordo com seu modo próprio de funcionamento.

Consideramos importante a observação de Katz (1992) no que concerne à tentativa freudiana da elaboração de um aparelho psíquico homogêneo, projeto que falha pelo confronto com a dimensão econômica pulsional que obrigará a reformulação de 1920. Algo do que é exposto a partir do aparelho psíquico forjado em 1896 se reapresenta na segunda tópica, quando não se poderá mais falar na primazia do processo secundário ou do privilégio do campo da representação.

Contudo, as modificações da segunda tópica têm seu início na incongruência que o conceito de narcisismo colocou para a primeira teoria pulsional, não sendo mais possível uma distinção clara e exclusiva entre pulsões de autoconservação e sexuais. Outra razão para abordarmos as considerações sobre o narcisismo freudiano: o fato da construção do corpo para a psicanálise estar relacionada de modo estreito ao investimento libidinal em si próprio. Podemos dizer de outro modo, que a construção do corpo imaginário é concomitante à construção do Eu, e que esse Eu é objeto de um investimento erótico.

1.2

Considerações Freudianas acerca do Narcisismo

Os caminhos tomados pela teorização do desenvolvimento do Eu assumem um novo destino com a formulação do conceito de Narcisismo. A partir de impasses⁸ que seriam colocados à teoria da libido e à prevalência dada à psicose e

⁷Referimo-nos ao pensamento de Bruno Latour; a temporalidade não linear será abordada no capítulo III.

⁸Discussões fomentadas pela insistência tanto de Jung, quanto de Adler, que não somente a sexualidade poderia ser fonte de traumatismo, mas também o próprio Eu. A preocupação de Freud com as idéias dos interlocutores aparece no texto “Notas Psicanalíticas sobre um Relato

à homossexualidade, o conceito de Eu sofre uma importante reformulação em 1914 quando Freud é levado à formulação do conceito de Narcisismo. Assevera que, no desenvolvimento da libido, o narcisismo é uma fase intermediária entre o auto-erotismo e o amor objetal, na qual as pulsões anárquicas que funcionam em uma modalidade auto-erótica, ganham uma unificação na medida em que o Eu é tomado como objeto de investimento.

O termo narcisismo aparece na obra freudiana pela primeira vez em 1910, numa nota de rodapé pela ocasião da segunda edição dos “Três Ensaio sobre a Sexualidade”, no item que trata sobre os objetos sexuais dos invertidos. Nesta nota, Freud enfatiza que a escolha de objeto sexual do invertido tem como marca o fato de terem tomado a si mesmos como objeto sexual: “a partir do *narcisismo* buscaram homens jovens e parecidos com sua própria pessoa, a quem eles devem amar tal como a mãe os amou” (FREUD, 1986/1905, p.136, grifo nosso). Trata-se de pensar os mecanismos e a etiologia da homossexualidade que o termo narcisismo é primeiramente evocado. Já indica, contudo, a relação com a própria imagem.

O mesmo argumento é encontrado no texto sobre Leonardo Da Vinci, exceto por um acréscimo importante que inclui a referência ao auto-erotismo. Ao mencionar a identificação com a mãe fálica, decorrente de um amor reprimido, Freud define que ocorre um “retorno ao auto-erotismo” (FREUD, 1986/1910, p.92). Não há ainda claramente a distinção dos dois termos, o que só acontecerá no ano seguinte. Aqui o narcisismo como modo de escolha de objeto parece se referir a uma fixação no auto-erotismo.

Em 1911, Freud estabelece uma distinção mais nítida entre auto-erotismo e narcisismo, imprimindo a este conceito uma outra qualidade. Define o narcisismo como uma etapa fundamental no desenvolvimento humano, distinta da fase de auto-erotismo, e como um novo modo de funcionamento pulsional, diferente do modo auto-erótico anárquico. Isto fica explicitado no trecho destacado:

Autobiográfico de um Caso de Paranoia” quando afirma, apesar de se tratar de um caso de psicose, que a sexualidade não desempenha um papel de pouca importância.

Pesquisas recentes dirigiram nossa atenção para um estágio do desenvolvimento da libido, entre o auto-erotismo e o amor objetal. Este estágio recebeu o nome de narcisismo. O que acontece é o seguinte: chega uma ocasião, no desenvolvimento do indivíduo, em que ele reúne suas pulsões⁹ sexuais (que até aqui haviam estado empenhadas em atividades auto-eróticas), a fim de conseguir um objeto amoroso; e começa por tomar a si próprio, seu próprio corpo, como objeto amoroso, sendo apenas subseqüentemente que passa daí para a escolha de alguma outra pessoa que não ele mesmo, como objeto (FREUD, 1986/1911, pp. 82-83).

Deste modo, ficará definida conceitualmente a terminologia de *narcisismo primário* para a inauguração do Eu como corpo unificado pela operação em que o Eu é tomado como objeto de investimento libidinal. A partir daí, a libido passa a oscilar entre o Eu e os objetos do mundo, como numa balança. Ou seja, “quanto mais uma é empregada, mais a outra se esvazia” (FREUD, 1986/1914, p.92). Obedecendo a esta lógica, observa-se que a libido pode se desligar do mundo externo, dos objetos, e retornar para o Eu. “A libido afastada do mundo externo é dirigida para o Eu e assim dá margem a uma atitude que pode ser denominada de narcisismo” (*Ibid*, p.91), entendido aqui como *narcisismo secundário* – retração da libido do objeto na forma da libido do Eu, como nos casos de psicose.

Dito de outra maneira, a diferenciação entre libido do Eu e do objeto se apóia na própria noção de constituição de uma instância denominada Eu, não existente no indivíduo desde seu nascimento. Apenas após o Eu ser investido de libido, que uma parte desta libido pode ser repassada aos objetos. Em resumo, a organização do Eu como instância, efeito de uma *nova ação psíquica*, coloca-se como paradigmática quanto à questão da organização do aparelho psíquico e da possibilidade de investimento em objetos do mundo, como exposto no pensamento do autor:

É uma suposição necessária a de que uma unidade comparável ao Eu não esteja presente no indivíduo desde o início; o Eu precisa antes ser desenvolvido. Todavia, as pulsões auto-eróticas estão presentes desde o início, e é necessário supor que algo tem de ser acrescentado ao auto-erotismo, uma nova ação psíquica, para que se constitua o narcisismo (FREUD, 2004/1914, p.99).

Estas novas considerações freudianas embaralham as formulações da primeira tópica, haja vista que o Eu era até então representante tão somente das

⁹Optamos por substituir as ocorrências da tradução instinto por pulsão.

pulsões de autoconservação, funcionando privilegiadamente pelo regime do Princípio da Realidade. Tanto que o conflito psíquico se definia entre as exigências pulsionais sexuais contra as exigências da civilização, como fica evidente no artigo “Moral Sexual Civilizada e a Doença Nervosa Moderna”. O adoecimento se dava porque a cultura promovia uma moral sexual exigente demais, que não deixava muitas saídas para a satisfação direta das pulsões sexuais. Neste texto, inclusive, a sublimação era colocada do lado de uma exigência moralizante e de civilizabilidade, que roubava quota energética libidinal.

Com os postulados do texto de 1914, o conceito de narcisismo acaba, definitivamente, por impor uma reformulação de maior porte, fazendo falir a primeira tópica, já que o Eu é ao mesmo tempo objeto da pulsão sexual e está a serviço da pulsão de autoconservação. Entretanto, diante da impossibilidade de propor uma nova teoria pulsional, que só se concretiza em 1920, e com o intuito de preservar a dualidade pulsional, base para a fundamental noção de conflito psíquico, Freud insiste na manutenção de uma pulsão do Eu não-sexual. Tanto que inclui como uma das funções do narcisismo tornar possível a distinção entre uma energia sexual (a libido) de uma energia de autoconservação (pulsões do Eu), indiscerníveis no início da vida humana. Contudo, fica patente o fato de que a atividade de autoconservação, cuidado de si e com seu corpo, seja uma atividade que no homem se subjeta ao investimento de uma energia erótica no próprio Eu.

Um outro ponto importante consiste em pensar nas instâncias ideais. Ainda no texto de 1914, Freud reproduz a idéia de que o recalque é função do Eu; no entanto, inclui o fato de que uma instância ideal serviria de regulação ao fator condicionante do recalque. É introduzida também a idéia de uma instância capaz de medir a distância entre o Eu real e o Eu ideal, que na segunda tópica será uma função do Supereu. Portanto, tanto o investimento dos ideais quanto os investimentos objetais garantem a forma saudável do psiquismo funcionar. Ao passo que, anteriormente, o narcisismo se associava mais estreitamente à patologia, visto que uma fixação libidinal no narcisismo era tomada como uma vulnerabilidade ao desencadeamento, em condições adversas, de um estado patológico. Assim, no texto Daniel Paul Schreber, Freud escreve que:

As pessoas que não se libertaram completamente do estágio de narcisismo – que, equivale a dizer, têm nesse ponto uma fixação que pode operar como disposição para uma enfermidade posterior – acham-se expostas ao perigo de que alguma vaga de libido excepcionalmente intensa, não encontrando outro escoadouro, possa conduzir a uma sexualização de suas pulsões sociais e desfazer assim as sublimações que haviam alcançado no curso de seu desenvolvimento (FREUD, 1986/1911, p. 84).

De acordo com a leitura de Jurandir Freire Costa, o investimento no Eu faz com que o fluxo libidinal se estanque, o que quer dizer que o Eu narcísico é resistente a alterações em sua estrutura, uma vez que obedecendo ao Princípio do Prazer/Desprazer tende a evitar a dor. Na medida em que o narcisismo e o Eu são derivados da totalização imaginária do sujeito, o Eu guardará um modo de funcionamento que visa a totalização, a uniformidade e a síntese. Nas palavras de Costa:

Assim, o Eu depois do narcisismo continua defendendo a auto-conservação. Mas não a auto-conservação biológica, cuja proteção não poderia ser deixada apenas aos cuidados do Eu. A auto-conservação diz respeito à imagem egóica que, como toda imagem, dá-se como experiência de totalização (COSTA, 1988, p. 159).

As tendências conservadoras do Eu são acionadas especialmente quando a existência se encontra sob ameaça por algum traumatismo. Assim, o recolhimento da libido objetal à condição de libido narcísica (do Eu) ocorre em diversos momentos. Por exemplo, na evidência da falta de interesse pelo mundo nos casos de enfermidade. Tal como Freud afirma: “o homem enfermo retira suas catexias libidinais de volta para seu Eu, e as põe para fora novamente quando se recupera” (FREUD, 1986/1914, p. 98). Esta é uma idéia sugerida por Sándor Ferenczi que tratava de pacientes orgânicos e citada por Freud no texto “Sobre o Narcisismo: uma Introdução”.

De modo análogo, observamos o trabalho de luto como sendo a capacidade de recolhimento da libido que se achava ligada a algum objeto que foi perdido, de maneira a exigir uma reorganização narcísica. Freud nos lembra que o luto envolve “graves afastamentos daquilo que constitui a atitude normal para com a vida” (FREUD, 1986/1917, pp.275-276), mas não podemos, contudo, considerá-lo como algo patológico. Na verdade, tão logo o trabalho do luto esteja concluído, o Eu é capaz de novamente investir num outro objeto de amor.

Este é um aspecto crucial para pensar a clínica com amputados, uma vez que o apelo transferencial evidencia a necessidade do trabalho de luto e, portanto, de recolhimento da libido, o que nos demonstram as sessões comumente permeadas por longos períodos de silêncio, em que o paciente se entrega a uma experimentação do corpo em sua nova configuração. Cabe lembrar, contudo, que neste caso o objeto perdido, uma parte do corpo, tem relações muito estreitas com a imagem corporal como fundamento do Eu, o que coloca uma questão fundamental a ser pensada acerca das modificações na economia pulsional.

Retomando, se o modo de funcionamento do Eu narcísico tende à totalização e resiste a modificações, é preciso encontrar um contraponto que imponha alguma abertura possível a novos rearranjos. Recorremos uma vez mais a Jurandir Freire Costa, quando em seu texto “Narcisismo em Tempos Sombrios” apresenta, do ponto de vista metapsicológico, uma chave para esta questão. Costa afirma que o Eu Ideal fornece a matriz imaginária do Eu, e que o Ideal do Eu, por se colocar no horizonte, no futuro, inclui a experiência da castração e impõe a incorporação de novos traços ao Eu como forma de reequilibrar o sistema.

A influência da realidade, de acordo com o pensamento freudiano, põe em vigor o adiamento da satisfação narcísica imediata, o reconhecimento da falha do sujeito e de sua divisão, a assunção da alteridade e da diferença. Ocorre então a formação de um Ideal do Eu, a partir da necessidade de renúncia ao narcisismo infantil. Vejamos como esta idéia está exposta na assertiva freudiana:

O desenvolvimento do Eu consiste num afastamento do narcisismo primário e dá margem a uma vigorosa tentativa de recuperação desse estado. Esse afastamento é ocasionado pelo deslocamento da libido em direção a um ideal do Eu imposto de fora, sendo a satisfação provocada pela realização desse ideal (FREUD, 1986/1914, p.117).

Ainda no que tange às relações com os ideais, é preciso apontar as considerações freudianas quanto à sublimação. Afirma que a idealização diz respeito ao engrandecimento e exaltação do objeto, ao passo que a sublimação consiste numa mudança quanto à finalidade da satisfação sexual. Ou seja, “a sublimação descreve algo que tem a ver com a pulsão, e a idealização, algo que tem a ver com o objeto” (*Ibid*, p. 111). Nesta distinção, Freud é prudente ao dizer que não é possível atrelar inapelavelmente a formação de um ideal do Eu à

sublimação. Portanto, existem dois destinos possíveis quanto à formação de um ideal. Um que “aumenta as exigências do Eu, constituindo o fator mais poderoso a favor do recalque” (FREUD, 1986/1914, p. 112), e outro que estimulado pelo ideal produz diferença. Freud chega a dizer que o ideal do Eu é motor da sublimação; idéia resgatada pela leitura de Costa.

Fica evidente, no texto freudiano este impasse entre forças conservadoras narcísicas e forças progressistas, o que nos remete à maneira idealizada com que os amputados, por vezes, experimentam a espera da confecção da prótese. Idealizam a prótese em suas possibilidades restauradoras, referindo-se à experiência anterior, tal como se a perna perdida pudesse ser devolvida pela perna mecânica. Os encontros ficam adiados, a vida paralisada, à espera de uma restituição narcísica. A consequência é que uma nova perda é vivida diante do grande abismo experimentado quando a prótese real destoa da prótese idealizada.

Ao contrário, a perda pode impor o que Freud, acompanhando a proposta de Adler, nomeou de supercompensação. A reportagem da revista VEJA – edição número 1.870 – nos mostra a experiência de um gaúcho que tendo perdido a perna esquerda num acidente de moto deixa sua vida sedentária para ser desportista e participante de campeonatos de atletismo.

Enfatizamos a importância do conceito de narcisismo para a ampliação do estudo do desenvolvimento do Eu, agora referido à instância ideal que resgata a importância da experiência pulsional no humano. Experiência esta que impõe trabalho sem cessar e que por esta razão nos faz entender a estrutura do narcisismo como permanente, e não como uma fase ultrapassada do desenvolvimento. Concordamos com Ana Maria Rudge, quando discorrendo sobre a experiência traumática nos diz que:

Pode-se ser reconduzido a uma situação de desamparo a qualquer momento da vida, e não apenas como consequência do acosso pelas pulsões insatisfeitas, mas também dos golpes dolorosos do destino, doenças, perdas, violências e traições a que estamos sempre sujeitos, e que muitas vezes significam um grave golpe ao narcisismo (RUDGE, 2003, p.113).

Assim, o conceito de narcisismo se coloca para nós como uma chave para discutirmos o trabalho de luto e de remanejamento pulsional. Contudo, ainda se faz necessário insistirmos na concepção de corpo para a psicanálise, na construção

do Eu e na sua relação com a alteridade, recorrendo agora às contribuições de outros autores. Iniciaremos com Jacques Lacan de modo a destacar a experiência da construção do Eu através da relação imaginária, na sua teorização sobre o “Estádio do Espelho”.

1.3

O Eu e os Ideais, a partir da Dimensão Especular

A partir das contribuições de Jacques Lacan sobre o “Estádio do Espelho” amplia-se o alcance da *nova ação psíquica* freudiana capaz de inaugurar o Eu e suas formações ideais. Destacamos com este autor a relação necessária com o Outro para a formação/reconhecimento do corpo do bebê.

A teorização sobre o “Estádio do Espelho” versa sobre a capacidade humana de reconhecimento de sua própria imagem a partir de, aproximadamente, seis meses de idade. A argumentação central quanto a esta temática é que a maturação fisiológica capaz de permitir a integração efetiva das funções motoras e o domínio real do corpo é antecipada por uma experiência do domínio imaginário do corpo. A experiência jubilatória de reconhecer a própria imagem no espelho forma o corpo como totalidade através de uma identificação favorecida pelo adulto.

Acatando a assertiva freudiana que pressupõe que “uma unidade comparável ao Eu não esteja presente no indivíduo desde o início” (FREUD, 1986/1914, p.99), Lacan propõe que a imagem unificada se constitui num determinado momento marcado pela presença do Outro. Presença em projeção deste outrem sobre o corpo do bebê ao reconhecê-lo como portador de um desejo, ainda que por identificação. É preciso entender então que “nos reconhecemos como corpo na medida em que esses outros, indispensáveis para reconhecer o nosso desejo, têm também um corpo, ou, mais exatamente, que o temos como eles” (LACAN, 1986/1954, p.173).

Assim Lacan define o momento do estádio do espelho:

É a aventura original através da qual, pela primeira vez, o homem passa pela experiência de que se vê, se reflete e se concebe como outro que não ele mesmo – dimensão essencial do humano, que estrutura toda a sua vida de fantasia (LACAN, 1986/1954, p. 96).

Diante do caos e da indefinição da realidade, a experiência da imagem do corpo estabelece a primeira distinção eu/não-eu, além de determinar a percepção do espaço, de acordo com o pensamento de Schilder (LACAN, 1953, p.12). Para Lacan, então, o Eu se constitui a partir da relação imaginária, de modo que pode afirmar categoricamente que as falhas nas funções motoras em alguns casos se devem às falhas na integração do Eu. Delimita-se um campo de pesquisa importante, qual seja, o da relação entre a maturação estritamente sensorio-motora e as funções de controle imaginário do sujeito (LACAN, 1986/1954, p. 127).

Sendo assim, o narcisismo primário é concebido como a alienação da imagem refletida de si mesmo. Uma imagem unificada ideal (Eu-ideal) é formada e investida eroticamente, ao mesmo tempo em que, e só a partir daí, se experimenta uma angústia de fragmentação. O sujeito se identifica com essa imagem numa exterioridade que é constituinte do Eu, nesta dupla operação de se ver como estátua ideal em contraposição a sua descoordenação motora.

Concomitantemente a elaboração do Estádio do Espelho, Lacan enfatiza a que a relação entre o sujeito e a imagem especular se instala pela via da agressividade:

A agressividade é a tendência correlativa a um modo de identificação a que chamamos narcísico, e que determina a estrutura formal do eu do homem e do registro de entidades característico de seu mundo (LACAN, 1998/1948, p.112).

Dessa forma, Lacan afirma que o processo de humanização só se dá pela entrada na relação simbólica, e isto inclui se reconhecer pelo nome próprio, o que é compatível com o destaque ao campo da linguagem que foi promovido por seus ensinamentos. É a linguagem e o simbólico que apaziguam a agressividade inerente à relação especular. A incidência da relação simbólica faz com que haja variações/modulações na experiência especular pela intermediação do Outro, de modo a apresentar ao sujeito figuras diferentes do seu desejo. Assim, a história do sujeito faz operar as particularidades da imagem.

Na pesquisa de Lacan sobre o texto freudiano, torna-se fundamental a diferenciação entre Eu Ideal e Ideal do Eu apresentada por Freud no texto de 1914

e obscurecida pela tradução inglesa. Lacan afirma que o Ideal do Eu é derivado das primeiras lesões do narcisismo e resultado de uma introjeção simbólica. Refere-se, portanto, ao “mundo organizado pelo pai”, pelo significante paterno (LACAN, 1992, p. 330). Ao passo que o Eu Ideal se refere a uma projeção imaginária.

A partir do Estádio do Espelho, Lacan opera uma disjunção entre psicose e paranóia, qualificando, com este último termo, o conhecimento humano. É fora de si, no outro, que o sujeito encontra seu Eu. Assim, Lacan distingue o “conhecimento paranóico” do delírio psicótico, estabelecendo que “o conhecimento é da ordem da visão; a bipolaridade vidente-visto é de ordem ‘paranóica’” (JULIEN, 2002, p.13). O Eu tem para Lacan a estrutura paranóica, já que se constitui por identificação a partir da visão do objeto respeitando a mesma bipolaridade:

(...) ver é ob-jetivar, colocar diante, lá, à distância, no quadro do mundo. Não é absorver, assimilar, mas acolher ob-jetivando: registro como *fora* de mim a presença do objeto que se revela a meus olhos (*Ibid*, p.14)

A ligação com a imagem está no cerne da formação do Eu, evidência também expressa pelo sintoma histérico. Na verdade, é o corpo enquanto imagem que faz com que a expressão simbólica da conversão se faça. Lacan reconhece, tal como Freud, a “estonteante complacência somática” (LACAN, 1953, p.12), sinal de uma anatomia imaginária cuja eficácia ele demonstra invocando a experiência do membro fantasma. Define esta experiência como sendo a persistência de uma dor que não mais se explica por uma irritação local: “é como se alguém tivesse captado um olhar, aqui, na relação existencial de um homem com sua imagem do corpo, através da relação com um tal objeto narcísico, como a falta de um membro” (LACAN, 1953, p.12). Por esta leitura, haveria uma estase na imagem narcísica anterior. O membro fantasma poderia ser entendido como evidência do congelamento imaginário da imagem do corpo, como se tivesse sido capturada por uma fotografia.

Assim, se por um lado Lacan enfatiza a mobilidade do Eu apontando o infundável processo dialético de revisão do reconhecimento do Eu e dos objetos, por outro, não deixa de destacar o modo como o fascínio pela imagem obstaculiza

a redefinição das formas. Tal como no mito do Narciso, o Eu é produtor de uma inércia atrelada ao modo de funcionamento pelo Princípio do Prazer e que se deve à maneira pela qual o próprio corpo é fundado, ou seja, a partir da identificação do sujeito com uma imagem.

Configura-se então um ponto de tensão entre uma incessante exigência de reformulação e a resistência aos remanejamentos da imagem. De modo que, apoiado no texto freudiano de 1917[1915], Lacan enfatiza que o Eu possui fronteiras móveis e incertas ao referir-se às próteses: “Os falsos dentes certamente não fazem parte do meu eu, mas até que ponto os meus verdadeiros dentes fazem parte dele? – porque eles são tão substituíveis...” (LACAN, 1986/1954, p.177).

A evidência da mobilidade das fronteiras do Eu permite supor que não é impossível que uma prótese possa fazer parte do Eu. Se as fronteiras do Eu são móveis, talvez, por isso, elas possam também ser híbridas, englobando instrumentos tecnológicos como parte de si. Nosso argumento encontra apoio numa observação de Lacan: “a anatomia imaginária aqui referida varia segundo as idéias (claras ou confusas) acerca das funções corporais que prevalecem numa dada cultura” (LACAN, 1953, p.12). Os acontecimentos contemporâneos apontam para o uso cada vez maior da tecnologia, do avanço de conhecimentos científicos e da robótica, o que cria a necessidade de pesquisarmos a forma pela qual a atualidade incluiria em sua cultura o uso destes instrumentos como novo modo de mapear o corpo.

Isto parecia estar previsto em um fabuloso texto de 1953, quando, a propósito da relação do homem com a máquina, Lacan anuncia a emergência de um novo tipo de homem: o *Homo Psychologicus*. Produto da era industrial, a principal característica do *Homo Psychologicus* é sua estreita ligação com as máquinas:

Ficamos com a impressão de que sua relação com esta máquina é tão íntima, que é quase como se os dois fossem realmente unidos – seus defeitos e enguiços mecânicos frequentemente paralelizam com seus sintomas neuróticos (LACAN, 1953, p.16).

Não obstante, é possível percebermos a própria resistência do autor ante a mudança tão radical, na medida em que entende o uso da máquina pelo homem como uma tentativa de restituição fálica e de “protetização” egóica. Lacan afirma:

“A significação emocional da máquina para ele [o homem] vem do fato de que ela exterioriza a capa protetora do seu Eu, assim como o fracasso de sua virilidade” (*Ibid*).

Contudo, é possível dar ao uso das máquinas – não as entendendo num sentido estrito – um estatuto mais positivo e criativo. Deste modo, esta hibridez pode ser evocada através da bengala do deficiente visual, que funciona como extensão de seu esquema corporal, a partir do que ele pode se locomover e se localizar, ao mesmo tempo em que extrai dados que se transformam em informações que substituem as de sua ausente visão. Persistindo em nosso ponto de vista, ousaríamos dizer que os cegos enxergam com a ponta de sua bengala.

Resta-nos salientar que na elaboração teórica lacaniana, a constante busca de uma unidade ilusória estaria diretamente ligada à experiência de desamparo. Seria um modo próprio de defesa do Eu contra a angústia de castração. O Eu, em função da sua origem imaginária, estaria sempre relacionado na teorização lacaniana à dimensão do engano e do engodo, de modo que a consequência seria o distanciamento do sujeito do encontro com o seu desejo. Este enfático posicionamento tomado ao longo de toda sua obra tem como marca o embate à Psicologia do Eu norte-americana, que enfatizava um eu adaptativo à realidade e fortalecido, na análise, pela identificação com o analista.

Passemos agora às contribuições de Donald Woods Winnicott, a fim de complementar um arcabouço teórico acerca da construção do Eu e do que esta se articula à concepção de corpo para a psicanálise.

1.4

Mãe-Bebê: um corpo para o mundo

É importante enriquecer as observações freudianas com as considerações feitas por Donald W. Winnicott, especialmente no que concerne à construção do mundo e do bebê através da presença da mãe. Freud (1986/1911) já havia indicado a importância da manutenção de uma ficção como modo de construção da realidade para o bebê. Aspecto que é bastante valorizado por Winnicott.

Este autor preza o fato de que no início da vida é necessária a criação do sentimento de unidade entre duas pessoas – mãe e bebê – como base da composição da “existência fundamentada na auto-percepção” e,

conseqüentemente, na capacidade de se sentir real (WINNICOTT, 1994, p.05). O bebê desenvolve a capacidade de ter sentimentos em decorrência do fato de que a mãe, ao se identificar com seu bebê, oferece a este uma matriz.

Desta forma, Winnicott postula, categoricamente, que o bebê possui a necessidade vital de que os estágios iniciais dos processos de desenvolvimento psicológico sejam facilitados por alguém, evidenciando a absoluta dependência do bebê em relação à sua mãe. Contudo, adverte também que na seqüência dos acontecimentos da vida do bebê, será preciso que este alguém falhe em sua adaptação.

A questão se torna um pouco mais complexa, na medida em que, para o autor, a mãe se identifica com o bebê e restringe todos os seus investimentos aos cuidados deste, naquilo que conceitualmente Winnicott denomina de *preocupação materna primária*. Só com o passar do tempo a mãe pode expandir seus investimentos de novo e incluir o mundo externo de modo paulatino.

O detalhe é que a possibilidade de inclusão do mundo externo na vida da mãe é dada pela capacidade do bebê de descobrir o mundo, de ultrapassar uma primeira fase, em que está fechado em si mesmo, para a subsequente, em que surpreende o mundo. O crescimento do bebê e seu desenvolvimento emocional devolvem à mãe a capacidade de re-expandir também o seu mundo.

Em uma comunicação durante um programa de rádio pela BBC dirigida às mães na década de 50, Winnicott afirma:

O bebê não sabe que o espaço circundante é mantido por vocês. Quantos cuidados vocês tomam para que o mundo não entre em choque com o bebê antes que ele o descubra! Com tranqüilidade, vocês acompanham com suas próprias vidas a vida nos bebês, e esperam por seus gestos, pelos mesmos gestos que os levam a descobri-las (Winnicott, 1994, p.17).

Todo este processo favorece aquilo que é denominado de *integração*, a experiência de um sentimento de identidade pessoal. De maneira particular, este autor revigora o pensamento freudiano ao dizer que “o apoio do ego materno facilita a organização do ego do bebê” (*Ibid*, p.09). Sendo assim, uma composição corpo/psique só é possível, para Winnicott, se houver a participação ativa de um ser humano que cuide do bebê. Um colapso neste momento precoce do desenvolvimento resulta em distúrbios psiquiátricos graves; um relacionamento

mãe-bebê não satisfatório gera uma insuficiência na capacidade de estabelecer relações objetais.

A maternagem *suficientemente boa*, baseada na criação do sentimento de unidade mãe-bebê, forma a experiência de onipotência inicial do bebê. Aquilo que é criado por ele, é, ao mesmo tempo, oferecido a ele. É exatamente a partir da experiência de onipotência que o bebê será capaz de começar a experimentar a frustração. Sendo assim, as falhas de adaptação serão fundamentais, na medida em que a vida do bebê se torna mais complexa, de modo que se possa reconhecer a necessidade de reação à frustração.

Este é o espaço em que o bebê começa a poder fazer uso de sua agressividade e, como conseqüência, objetificar a mãe, isto é, o bebê desenvolve a capacidade de estabelecer relações objetais a partir do reconhecimento da mãe enquanto seu primeiro objeto, e não como extensão de sua existência. Deriva deste momento o reconhecimento da realidade de forma enriquecida, desde que a mãe suporte os ataques feitos pelo bebê:

Em outras palavras, ela tem uma função a cumprir sempre que o bebê morder, arranhar, puxar os seus cabelos e chutar, e esta função é sobreviver. O bebê se encarregará do resto. Se ela sobreviver, o bebê encontrará um novo significado para a palavra amor, e uma nova coisa surgirá em sua vida: a fantasia (WINNICOTT, 1994/1968, p. 26).

A ressalva aqui concerne ao fato de que todo este processo valoriza a experiência corporal sobremaneira. A criação de um ambiente facilitador inclui a vivência de uma delimitação corporal realizada pela mãe através dos cuidados diários. Quando menciona autores responsáveis pela teoria do desenvolvimento emocional primitivo destaca que o “seio bom” se refere a uma maternidade/paternidade satisfatória; de modo que, independente da amamentação, o ato de segurar – *holding* – e manipular – *handling* – o bebê são vitais para a construção de um indivíduo psiquicamente saudável. Evidentemente que é dado um sentido mais amplo ao ato de segurar, que compreende a capacidade de suprir as necessidades básicas do bebê. Mas não se supõe que o segurar tenha um valor meramente abstrato ou teórico.

No início, porém, é o ato físico de segurar a estrutura física do bebê que vai resultar em circunstâncias satisfatórias ou desfavoráveis em termos psicológicos. Segurar e manipular bem uma criança facilita os processos de maturação, e segurá-la mal significa uma incessante interrupção destes processos, devido às reações do bebê às quebras de adaptação (WINNICOTT, 1994, p. 54).

De todo modo, este autor destaca toda a experiência do indivíduo recém-nascido como sendo de fundamental importância para a constituição de sua existência. Valoriza o que denomina de “comunicações silenciosas iniciais” (WINNICOTT, 1994/1968, p.88), experiências que imprimem marcas, por vezes, inalcançáveis à consciência. Por esta razão, propõe relativizar a importância dada à verbalização na tradição analítica. Assim, Winnicott diz que:

Embora a psicanálise de temas pertinentes se baseie na verbalização, todo analista sabe que, junto ao conteúdo das interpretações, a atitude por trás da verbalização tem sua própria importância, e que esta atitude se reflete nas nuances, no ritmo e em milhares de outras formas que podemos comparar à variedade infinita da poesia (*Ibid*, p. 85).

Esta comunicação não-verbal é destacada como sendo imprescindível para a formação de um corpo do bebê, destacado e autônomo ao corpo da mãe. Necessitando inicialmente deste invólucro, desta delimitação de ritmos, de cheiros, de sensações, encontramos aí a possibilidade de inauguração paulatina de um Eu criativo e singular. Se Winnicott fala da necessidade do Eu materno como auxiliar na organização do Eu do bebê, poderíamos dizer que o corpo da mãe serve de continente ao corpo do bebê, dando-lhe contorno e substrato.

(...) há um tipo de necessidade muito sutil, que só o contato humano pode satisfazer. Talvez o bebê precise deixar-se envolver pelo ritmo respiratório da mãe, ou mesmo ouvir e sentir os batimentos cardíacos de um adulto. Talvez lhe seja necessário sentir o cheiro da mãe ou do pai, ou talvez ele precise ouvir sons que lhe transmitam a vivacidade e a vida que há no meio ambiente, ou cores e movimentos, de tal forma que o bebê não seja deixado a sós com os seus próprios recursos, quando ainda muito jovem e imaturo para assumir plena responsabilidade pela vida (WINNICOTT, 1994/1970, p. 76).

A partir desta mesma preocupação das trocas com o outro, Françoise Dolto versa sobre os efeitos humanizantes do reconhecimento narcísico da criança e dos efeitos deste para a construção de uma imagem do corpo saudável. É a respeito

desta temática nas suas composições com o esquema do corpo que trataremos a seguir.

1.5

O Corpo nas suas Múltiplas Facetas

Consideramos de extrema relevância a diferenciação fundamental que Françoise Dolto faz entre o que conhecemos como *esquema corporal* e o que postula como *imagem do corpo*. As contribuições desta autora francesa trazem aspectos complementares aos que foram tratados anteriormente quanto ao estatuto do corpo em psicanálise. Além disso, Dolto insiste na valorização da dimensão sensível como fundamento da organização psíquica, o que nos traz instrumentos para os questionamentos formulados a partir da clínica com amputados.

A autora define o conceito de *esquema corporal* como sendo “*uma realidade de fato*, sendo de certa forma nosso viver carnal no contato com o mundo físico” (DOLTO, 2002, p.10). Segundo Dolto, o esquema corporal está ligado à integridade do organismo e “*especifica o indivíduo enquanto representante da espécie*” (*Ibid*, p.14). Em contrapartida a imagem do corpo é singular, e está ligada a história do sujeito como síntese das experiências emocionais. Por conseguinte, a imagem do corpo é dinâmica: narcísica e inter-relacional.

Na tentativa de apresentar quais as relações entre esquema corporal e imagem do corpo, Françoise Dolto apresenta os efeitos possíveis diante de uma lesão corporal de acordo com a idade. Se a lesão/doença ocorrer após os três anos, – idade em que a criança já adquiriu marcha, controle esfinteriano e um saber quanto à pertinência em um único sexo – apesar de haver uma modificação do esquema corporal, a imagem do corpo permanece intacta. Caso o esquema corporal seja alterado numa idade precoce, anterior à marcha, a imagem corporal pode ou não ser atingida, dependendo da adaptação do ambiente e do nível de angústia dos pais.

Mas o que isso quer dizer? Françoise Dolto parece se referir, tal como Lacan, à construção de um corpo imaginário como algo determinado para além das capacidades físicas, a partir da relação com os pais e de suas capacidades de investir libidinalmente a criança, em consonância com o pensamento freudiano

sobre o investimento parental em “sua majestade o bebê”. É possível reconhecer, no texto da autora, que a imagem corporal se refere a um corpo narcísico construído pela troca com o outro.

Assim, Dolto considera que a não-estruturação da imagem do corpo de uma criança portadora de uma deficiência física é conseqüência do fato da “instância tutelar” não se comunicar com a criança senão para o atendimento de suas necessidades (DOLTO, 2002, p.13). Sendo assim, se o esquema corporal se esculpe a propósito do desenvolvimento do sistema neurológico (concluindo-se por volta dos dois anos e meio), a imagem corporal é estruturada através da relação intersíquica; e por ser seu efeito, sempre se refaz.

Por conseguinte, a imagem corporal pode ser postulada como “*a encarnação simbólica inconsciente do sujeito desejante*” (*Ibid*, pp.14-15), e é sustentada pelo esquema corporal: seu intérprete. Articula-se ao esquema corporal pelo narcisismo e se configura como “*uma síntese de experiências emocionais: inter-humanas, repetitivamente vivida através das sensações erógenas eletivas, arcaicas ou atuais*” (*Ibid*).

Ao desdobrarmos com a autora estas afirmativas, reconhecemos que a imagem do corpo é dinâmica e se constitui por três modalidades ou facetas complementares: a imagem de base, a funcional e a erógena. A primeira modalidade da imagem do corpo, a imagem de base, diz respeito à vivência de continuidade narcísica que garante uma “mesmice de ser”, apesar das variações que o corpo experimenta. Contudo, se por um lado, o sentimento de existir deriva da convicção ilusória de continuidade, por outro, é importante considerar que o narcisismo é suscetível a remanejamentos, especialmente oriundos do desejo do sujeito. Numa positividade do desejo, Dolto valoriza a ética do “armazenar”, do “aumentar a massa carnal” presente na criança (*Ibid*, p.38). Daí derivam os remanejamentos que produzem, em cada estágio, diferentes representações da imagem de base, relativas às zonas erógenas postuladas por Freud.

A segunda modalidade da imagem do corpo se refere à imagem funcional. Complementando a imagem de base, esta traz o modo de funcionamento derivado das zonas erógenas como forma de enriquecer as possibilidades de realização do desejo. Ao passo que a terceira modalidade, a imagem erógena, refere-se ao lugar de prazer/desprazer erótico na relação com o outro. De modo dinâmico, estas três

facetar se coadunam e produzem a síntese da imagem do corpo, metaforizando o estado desejante.

É de extrema importância destacar, então, que o narcisismo primário faz amálgama do esquema corporal e da imagem do corpo, de maneira que o esquema corporal está para a fonte das pulsões assim como a imagem do corpo está para as representações.

Dolto chama atenção para a possibilidade de estruturação simbólica do sujeito pela palavra, de forma que, na ausência de uma palavra que “dê corpo” a uma imagem, testemunha-se o viver solitário e cativo dos estados graves, como nas psicoses, ou do que denomina de “*débil ideativo relacional*”. Nestes casos, existe uma imagem arcaica do corpo, “imagem sensorial fugaz, imprecisa e sem palavras para representá-la, que não há possibilidade de se comunicar com uma pessoa. Um tal sujeito está à espera de simbolização” (DOLTO, 2002, p. 31).

Assim, considera a etiologia da esquizofrenia como resultado da ausência de comunicação interpessoal autêntica, o que ocasiona uma brecha na simbolização derivada de palavras vazias, ou seja, “sem valor emocional verídico”, palavras que qualifica de “**palavras-barulhos**” (*Ibid*). Disto resulta a redução das percepções sensoriais ao regime do orgânico. É pautada nesta idéia que nos diz que a palavra é experimentada para que tenha algum sentido. “*As palavras devem, primeiro, tomarem corpo, serem, ao menos, metabolizadas em uma imagem do corpo relacional*” (*Ibid*, p.34).

O que fica evidente com estas colocações é que existe uma preocupação de Françoise Dolto com o corpo narcísico, organizado e integrado a partir do olhar/investimento dos pais, e considera o narcisismo primário como construção de um local/modo de desejar. Dito de outra forma, a autora postula a imagem do corpo/narcísica como a “*encarnação simbólica inconsciente do sujeito desejante*” (*Ibid*, pp.14-15), numa consonância entre elementos sensoriais e as palavras.

Mas a palavra que recobre as experiências da criança é uma palavra que traz a intensidade das sensações e expressões vividas, e que não se refere exclusivamente a uma fala. Reconhecemos neste ponto uma brecha para a valorização da autonomia das forças pulsionais em relação aos representantes psíquicos. Trazemos como exemplo o *Caso Agnès*, conhecido relato de intervenção em uma menina que aos cinco dias de nascida teve sua mãe hospitalizada e que, depois deste fato, recusava-se a ingerir qualquer coisa por

dias. Dolto sugeriu ao pai que enrolasse em torno do pescoço do bebê uma peça de roupa usada pela mãe e aí então lhe apresentasse a mamadeira, ao que a criança respondeu pela imediata ingestão do leite.

O destaque para o pensamento desta autora se justifica pelo argumento de que a clínica com amputados traz como um aspecto primordial as sensações e expressões de uma sensibilidade na sessão em detrimento de uma verbalização representacional. A descrição de sensações e as aparições do membro fantasma nas sessões substituem uma fala “elaborada” quanto a um conflito psíquico existente. Assim, a alucinação do membro perdido ultrapassa a condição do uso da palavra verbal e se caracteriza, em nossa opinião, como uma tentativa de reescrever o corpo em seu caráter pulsional, ressaltando a autonomia das forças auto-eróticas; – esta é uma hipótese que defenderemos ao longo desta dissertação. Não é raro que as pessoas amputadas tenham o hábito de, vez por outra durante as sessões, segurar a extremidade amputada da perna.

Esta clínica demonstra também de forma contundente que a estrutura do narcisismo é incessantemente refeita. Como afirma Dolto, a imagem do corpo se remaneja como síntese do vivido. Ou seja, se por um lado o narcisismo assegura uma continuidade da existência, por outro ele é incessantemente remanejado por encontros com a castração. Conceito que Françoise Dolto utiliza no plural: castrações. Sendo assim, num extremo ela situa o narcisismo, no outro, as castrações. Como resultante destes vetores, compreendemos que se forma a imagem do corpo. Esta imagem ancora-se no narcisismo primário e na integração/unificação da imagem, mas se reformula incansavelmente a partir das castrações, dando a possibilidade de enriquecimentos simbólicos.

Deste modo, a ênfase dada pela autora ao narcisismo, parece-nos uma maneira de descrever um sistema de síntese que se esforça para o domínio das excitações pulsionais que insistem, por seu caráter, em impor trabalho psíquico de construção constante do corpo. Um corpo que não se restringe ao orgânico e que se organiza num determinado momento ao integrar-se como imagem com a qual o sujeito se identifica no estádio do espelho. Mas que guarda de maneira enfática uma expressão que transborda estas duas facetas (a do orgânico e a do narcisismo) e que se refere à própria expressão pulsional, relativa ao Eu real originário, por detrás de toda organização psíquica possível.

Dando destaque ao caráter pulsional da constituição humana que faz sobrepujar a organicidade, vemo-nos com a tarefa de fazer algumas ponderações acerca do corpo amputado, universo de nosso estudo, antes que possamos nos voltar às conceituações do trauma e os seus efeitos.

1.6

O Corpo Amputado

Nosso esforço até o momento consistiu em tentar delimitar o lugar do corpo no campo epistemológico da psicanálise. Diferentemente de outros saberes, a psicanálise reconhece o corpo como uma construção que partindo da sua característica de organismo vivo é subvertido em um corpo cuja erogeneidade provém de investimentos que recebe.

Desde Freud, posição que é unânime entre os outros autores aludidos aqui, ainda que, com diferentes nuances, o humano só se constitui pelo investimento pulsional de um outro, ou seja, o Eu se constitui como objeto de amor e de investimento erótico. Os efeitos das diferentes formas destes investimentos marcarão o corpo/sujeito de maneira singular, como uma espécie de mapeamento do corpo.

Lacan enfatiza em sua obra a primazia da fala, e aposta nesta apropriação/construção do corpo como efeito da linguagem. O corpo é marcado pelos significantes, dentre os quais se privilegia o significante do nome-do-pai como forma de imantação do psiquismo. O corpo para Lacan carrega as marcas de uma história linear e com uma certa previsibilidade de acordo com o modelo estrutural:

Volto primeiro ao corpo do simbólico que convém entender como nenhuma metáfora. Prova disso é que nada, senão ele, isola do corpo, a ser tomado no sentido ingênuo, isto é, aquele sobre o qual o ser que nele se apóia não sabe que é a linguagem que lho confere, a tal ponto que ele não existiria, se não pudesse falar. O primeiro corpo faz o segundo, por se incorporar nele. (...) O corpo, a levá-lo a sério, é, para começar, aquilo que pode portar a marca adequada para situá-lo numa seqüência de significantes. A partir dessa marca, ele é suporte da relação, não eventual, mas necessária, pois subtrair-se dela continua a ser sustentá-la (LACAN, 2003/1970, pp. 406-407).

Quanto ao Eu, delineado pela dimensão especular, é encarregado de fazer o sujeito desejar se equivocar, dada a alienação imaginária em que se constitui. No cerne da formação do Eu encontramos a imagem, definida a partir de fora. No encontro do sujeito com a imagem, a agressividade, que só será apaziguada pela linguagem.

Se o Estádio do Espelho pode ser considerado como primeiro passo no processo de humanização, e é eminentemente imaginário, Lacan irá enfatizar cada vez mais que o Outro está presente na possibilidade de cristalização da imagem ideal, sendo o campo do simbólico o verdadeiro solo em que esse evento organizador pode ocorrer. Sem o assentimento materno de que aquela imagem é a da criança, a identificação a ela não ocorreria.

Para Lacan, a impressão da anatomia imaginária – e sua pregnância – é responsável pela manutenção das sensações da presença da perna quando esta não está mais ali. Captada pelo olhar (do Outro) a imagem do corpo é narcisicamente preservada, como estátua de si mesmo. De todo modo, a dialética apontada por Lacan se faz entre o fascínio pela imagem que obstaculiza a mobilidade do Eu e o confronto com a castração.

O confronto com a castração é também apresentado por Françoise Dolto como mola-mestre da existência humana. Confronto que a autora acredita como sendo capaz de dotar a vida de maior potência e resultar num enriquecimento simbólico. Evidentemente, Dolto aposta na capacidade de elaboração do luto diante das perdas, o que fica evidente quando discorre sobre uma situação de amputação:

Ver uma parte do corpo se ir é o começo da morte; perder os dentes, o cabelo; e não estamos falando de uma perda irreparável, quando existe o luto por um membro depois de uma mutilação por acidente. Tudo isso pode ser suportado pelas pessoas. É doloroso, mas é suportável, e elas não têm a impressão de estarem mortas. Perderam um membro e estão mais vivas depois (DOLTO, 1985, s/ pág).

O corpo para Françoise Dolto também se afasta da realidade orgânica, do pertencimento à espécie – esquema corporal – para ser construído enquanto espaço de síntese erógena pela troca com o outro como imagem inconsciente do corpo. Dolto potencializa a imagem do corpo como sendo relacional, o que em sua

teorização inclui o erotismo. Portanto, a imagem do corpo é sempre dinâmica, movida pelos encontros, o que resulta em remanejamentos (DOLTO, 2002, p.38).

Estas sínteses do vivido incluem uma dimensão sensível e de intensidades, valorizando uma autonomia pulsional que não se reduz ao nível da representação. Dolto valoriza os ritmos, os cheiros, os gostos e, sobretudo, a possibilidade de uma comunicação interpessoal autêntica em consonância com o vivido.

O ponto de maior aproximação com a teoria de Winnicott consiste na concepção da construção da imagem do corpo. Para Dolto é necessário que seja garantida uma continuidade narcísica ou, como nomeia, uma “mesmice de ser” (*Ibid*), apesar das variações que o corpo experimente. Esta continuidade é ilusória e garantida pela presença da “mãe continente” – para introduzir a terminologia winnicottiana – na vida do bebê.

Donald W. Winnicott concebe que o corpo é inicialmente habitado por dois. No sentido de valorizar a identificação da mãe com o bebê e de evidenciar o estado – em que nasce o ser humano – de absoluta dependência do bebê em relação à mãe. Seu conceito mais divulgado o de *mãe suficientemente boa* é conferida à maternagem capaz de adaptar-se paulatinamente as constantes mudanças de níveis de necessidade e cuidados do bebê, de modo a incluir falhas nesta adaptação. Winnicott valoriza os cuidados que incluem uma sustentação do corpo do bebê e o seu manejo em sua dupla dimensão: física e emocional.

Consideramos que o autor valoriza excessivamente o aspecto não-verbal como parte importante da organização psíquica. Insiste que a fala, os ritmos e a atitude garantem a infinidade de possibilidades de vivências criativas. Ao enfatizar que as “comunicações silenciosas iniciais” (WINNICOTT, 1994/1968, p.88) são capazes de conferir marcas inalcançáveis à consciência, somos convocados a pensar num outro *savoir-faire* clínico. Em nossa experiência, fomos defrontados a isto, especialmente, a partir da clínica com os amputados.

Antes de prosseguirmos, é necessário destacar que na obra freudiana há a referência à amputação em três momentos. O primeiro, no livro dos chistes numa anedota; o segundo, na Conferência XXIII ao referir-se à ameaça de castração e ao exemplo da “amputação de polegares, como castigo pela obstinação em sugá-los” (FREUD, 1986/1917[1916-1917], p.431). O terceiro, no texto “Inibição, Sintoma e Angústia”, numa advertência quanto à excessiva valorização do ganho

secundário – tal como proposto por Strümpell por exemplo – de modo a considerá-lo motor da formação dos sintomas. Segundo Freud:

Há também o perigo de exagerar a importância de uma adaptação secundária dessa espécie a um sintoma, e de afirmar que o Eu criou o sintoma simplesmente a fim de fruir suas vantagens. Seria igualmente verdadeiro dizer que um homem que *perdera a perna* na guerra fizera com que ela fosse arrancada a tiros, de modo que ele pudesse daí por diante viver de sua pensão, sem ter de executar mais nenhum trabalho (FREUD, 1986/1926[1925], p. 121, grifo nosso).

Esta última referência à amputação na obra de Freud introduz nosso próximo destino: mapear o conceito de trauma, valorizando as pesquisas realizadas a partir da guerra, a fim de considerar os seus efeitos.